

MANUEL CORREIA DE ANDRADE

**ESPAÇO, POLARIZAÇÃO E
DESENVOLVIMENTO**

(A Teoria dos Polos de Desenvolvimento e a
Realidade Nordestina)

CENTRO REGIONAL DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL
C R A M

Recife — 1967

III Plano Diretor da SUDENE, é hoje, como se vê, um instrumento recomendado de decisões práticas. Apraz-me, por isso, repetir, com Carlos Drumond, que "se o meu verso não entôa foi seu ouvido que entortou"...

Creio, finalizando, que, depois de os economistas terem dado razão aos geógrafos, êste é o livro de um geógrafo renomado, catedrático de uma Faculdade de Ciências Econômicas, que dá razão aos economistas. Ou, dentro de uma visão interdisciplinar dos problemas, nós ambos, geógrafos e economistas, nos damos razão com o excelente trabalho do Professor Manuel Correia de Andrade.

Caracas, maio, 1967.

I

INTRODUÇÃO

Um dos problemas que mais preocupam os cientistas sociais, nesta segunda metade do século XX, é o desigual desenvolvimento, entre as nações e, também, o desigual desenvolvimento entre as várias regiões de um mesmo país. Daí, a grande quantidade de livros, artigos e relatórios que se vêm publicando sobre Economia, Sociologia e Geografia do Desenvolvimento, assim como abalizados estudos sobre Planificação do Desenvolvimento Regional, baseados em novas disciplinas surgidas nos Estados Unidos e na Europa, que em suas nuances são chamadas de Ciência Regional, de Economia, Sociologia e Geografia Regional e, mais precisamente, ainda de Organização do Espaço, de "Town and Country Planning" e de "Aménagement du Territoire".

Os estudos regionais objetivos e as teorizações feitas a partir dos conhecimentos adquiridos através desses estudos, levaram o Prof. François Perroux a concluir que o desenvolvimento não se propaga de forma difusa pelo espaço, mas que se concentra em certos pontos, criando um desequilíbrio em relação às áreas vizinhas, propagando-se posteriormente, a partir desses núcleos, pelas diversas áreas. Surgia, assim, a Teoria dos Polos de Desenvolvimento baseada não só nas pesquisas econômicas feitas como, também, no conhecimento histórico e geográfico. Isso, porque a experiência histórica prova que o desenvolvimento se realizou de forma espontânea nos países capitalistas, desenvolvidos e industrializados, nos séculos XIX e na primeira metade do século XX, e de forma planejada na União Soviética, após a Revolução de 1917. Daí, ainda hoje observar-se, mesmo nos países industrializados, grandes desníveis de desenvolvimento regional e a tentativa por parte dos governos de corrigir esses desníveis. Correção essa que obteve grande êxito em empreendimentos os mais diversos, como na regularização do rio Tennessee e no aproveitamento do seu vale, nos

Estados Unidos, na política de descongestionamento e descentralização, em Londres, (Town and Country Planning) e em Paris (política de "aménagement du territoire"), assim como na política de descentralização de indústrias, através da criação de grandes "combinados" em bases carbonífero-siderúrgicas, na União Soviética.

Os estudos regionais e de polarização passaram, após 1960, a ter em todo o mundo civilizado um grande interesse científico e prático, preocupando professores, técnicos e cientistas que trabalham tanto nas universidades como nas agências de desenvolvimento. No Brasil, esses estudos foram iniciados por mestres estrangeiros que aqui trabalharam e despertaram a preocupação dos estudiosos nacionais. Daí se realizarem cursos monográficos, em nossas universidades, sobre "Aménagement du Territoire" e sobre "Polos de Desenvolvimento", com grande afluência de técnicos e de estudiosos assim como haverem agências de desenvolvimento adotado o critério da polarização em sua política de planificação do desenvolvimento regional. Assim, seguem essa linha científica organizações como o Ministério do Planejamento, o Escritório de Pesquisas Econômicas Aplicadas, o Conselho Nacional de Geografia, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai, o Centro Regional de Administração Municipal, etc., organismos esses que, entre outros, participaram do I Seminário sobre Polos de Desenvolvimento, promovido pela SUDENE, no Recife, em setembro de 1966. Nesse Seminário, observou-se o grande interesse despertado pela teoria do Prof. Perroux entre cientistas e técnicos brasileiros e os vários matizes seguidos por esses estudiosos na tentativa de adaptarem à realidade brasileira, bem diversa da européia, os princípios enunciados pelo ilustre mestre. A partir de então, elaboraram uma metodologia que permitisse aplicar essa teoria ao espaço brasileiro, típico de país em vias de industrialização, ou melhor, em vias de desenvolvimento.

As diferenças interpretativas surgidas, quer quanto à conceituação de polos, quer quanto à metodologia a ser aplicada, oriunda ora das escolas a que se filiam os técnicos, ora da diferença de formação profissional dos mesmos, animou-nos a escrever esta monografia, com três finalidades precípuas. A primeira, procurando estabelecer um balanço dos pontos de vista e das opiniões dominantes quanto à concei-

tuação de espaço, de região e de polos de crescimento e de desenvolvimento, exposta em quatro capítulos; a segunda, estendendo-se por dois capítulos em que tentamos aplicar os princípios da polarização à evolução histórica do Brasil e em que damos um balanço dos estudos até agora realizados, com a finalidade de aplicar essa teoria à realidade brasileira e à planificação do nosso desenvolvimento regional. Finalmente, no último capítulo, expomos os princípios básicos à elaboração de uma metodologia para aplicação da teoria dos "polos de desenvolvimento" ao espaço nordestino. Esse esboço de metodologia terá aplicação prática através da realização de um projeto de pesquisa por nós elaborado para o Centro Regional de Administração Municipal (CRAM). Encerrando esse trabalho, oferecemos ao leitor uma bibliografia onde ele encontrará os estudos básicos sobre polarização que poderão ser utilizados para uma compreensão dessa teoria e das possibilidades de aplicação da mesma à realidade brasileira, em geral, e à nordestina, em particular.

Acreditamos que, com esta monografia sobre o problema da polarização, estão o Autor e o CRAM — que a edita — oferecendo aos técnicos e aos jovens que cursam as Universidades, os conhecimentos básicos de uma teoria e de uma técnica desenvolvimentista que é adotada hoje em todo o mundo, tanto em países capitalistas como nos países socialistas, possibilitando, também, a partida para estudos de maior profundidade e de maior especialização setorial. Esses estudos possibilitarão não só um aprofundamento dos conhecimentos da Teoria da Polarização como, também, de sua crítica, o que poderá trazer à mesma uma série de aperfeiçoamentos que a tornem mais útil e mais eficiente, quando empregada na planificação regional dos países tropicais subdesenvolvidos. Assim, acreditamos que, ao escrever este trabalho, onde pretendemos resumir os conhecimentos existentes sobre "Polos de Desenvolvimento" e elaborar as bases para uma metodologia de sua aplicação à realidade nordestina, estamos prestando, o Autor e o CRAM, um serviço à região e, indiretamente, ao país, dando uma pequena contribuição para um melhor aproveitamento do espaço de que dispomos, ajudando portanto, embora modestamente, na luta contra o subdesenvolvimento, contra a estagnação.

nos a três, cinco ou sete anos — e com ela entrosada, tenha uma certa liberdade de escolha. Enquanto o “aménagement du territoire” visa interesses futuros a longo prazo, a planificação regional visa a realização a curto prazo, imediata, das transformações necessárias. Ele também permite, ou melhor determina um entrosamento entre a planificação regional e a nacional de vez que a planificação não pode ser uma mera soma de vários planos regionais mas a integração e a complementação dos mesmos (17).

Passada a fase do diagnóstico que é eminentemente geográfica, da mobilização da população que é sobretudo sociológica (são os sociólogos os grandes mestres da animação rural) e a da programação que é principalmente econômica, chegamos às fases da decisão e da execução que são eminentemente políticas e administrativas. Isto porque aos cientistas não cabe tomar as decisões nem administrar a aplicação dos programas, salvo quando ocupam cargos políticos ou administrativos. Essas decisões cabem aos legisladores e aos auxiliares do Poder Executivo em cada país, segundo a sua organização político-constitucional. Claro, porém, está, que políticos e administradores devem dispor de assessôres de boa formação científica que os orientem em suas decisões.

(17) Sobre o assunto é interessante ler Mota, Fernando de Oliveira em Notas sobre a Integração entre o Planejamento Regional e o Planejamento Nacional em Estudos Universitários, n.º 1 (segunda fase), pags. 79-93, Recife, 1966 e A Experiência de Planejamento Regional da SUDENE em Debates Sociais, Ano I, n.º 3, pags. 3-7 — Rio de Janeiro, 1966.

V

O PROBLEMA DA POLARIZAÇÃO. CARACTERÍSTICAS E ASPECTOS DOS POLOS DE CRESCIMENTO E DE DESENVOLVIMENTO

1 — Região, crescimento econômico e polarização

De há muito, historiadores e geógrafos ao fazerem estudos regionais ou de países apontam frequentemente em uma região os pontos que comandam o crescimento econômico ou o desenvolvimento, as cidades ou áreas economicamente mais dinâmicas. Também os economistas russos ao planificarem o desenvolvimento da economia soviética e a industrialização do país, escolheram pontos favorecidos pela posição geográfica ou pelos recursos naturais para instalar indústrias de base, para servir de “bases de desenvolvimento”.

Assim é que dispendo apenas de uma zona de desenvolvimento, o Dombass na Ucrânia, como a mesma não produzia o suficiente para atender a uma economia em expansão industrial e como ela ficasse muito distante de áreas que necessitavam ser industrializadas no Oriente e no Norte, os soviéticos trataram de utilizar o minério de ferro do Ural e o carvão do Kouznetsk para formar um grande “combinado” com dois polos — Magnitogorsk e Kouznetsk — ligados por uma ferrovia. Após a Segunda Grande Guerra usinas siderúrgicas foram construídas como “bases de desenvolvimento” em pontos ainda mais afastados da região econômica mais desenvolvida do país, nos Urais, no Extremo Oriente, no Kazakhstã e no Ouzbékistã. “Bases de desenvolvimento” foram também criadas através da construção de represas para produção de energia elétrica nos principais rios soviéticos — o Volga, o Dniepper, o Ural, o Ob, o Irtych, o Ienesei, etc. — dentre as quais a mais importante é a de Kouibychev, com uma capacidade de dois milhões de kw,

inaugurada em 1955 (1). Estas centrais possibilitaram a formação na bacia do Volga, o maior rio europeu, de uma importante região industrial.

Estes fatos podem ser ilustrados pelos estudos de H. Chambre sobre o desenvolvimento da bacia do Kouznetsk, quando afirma que em 1930 decidiram, ligando esta região aos montes Urais, formar "uma nova base carbonífera e metalúrgica, Combinado Ural-Kouznetsk" (2) formando dois grandes polos. Com a planificação procuraram diversificar a economia soviética e distribuir os seus centros industriais pelo imenso território a fim de tornar a nação que se industrializava menos dependente das regiões já industrializadas antes da Revolução de 1917 — a área de Moscou-Tula, na Rússia Européia e a bacia do Donetz (Dombass) na Ucrânia. Tal descentralização não só tornava o país menos vulnerável ao ataque de seus inimigos — fato que ficou demonstrado durante a guerra 1939-45 — como também provocava grande economia no setor dos transportes.

Baseado no conhecimento destas experiências e em suas observações é que, certamente, o Prof. F. Perroux desenvolveu a sua teoria dos polos de desenvolvimento. Teoria segundo a qual o crescimento econômico não se faz de forma difusa por todo o espaço de um país, ou cobrindo as várias partes de uma região, mas se manifesta em certos pontos, a que o ilustre economista chama de polos de crescimento, com intensidades variáveis, daí se expandindo por diversos canais com efeitos terminais variáveis sobre o conjunto da economia (3).

Assim, para o mestre francês, o crescimento econômico é próprio de áreas favorecidas por variadas circunstâncias, onde surge uma indústria motriz e, como consequência, como reflexo da ação desta indústria o crescimento se propaga, se expande, beneficiando as regiões que a cercam, que são para ela polarizadas. A observação da existência de polos surgi-

(1) Feiguine, I. G. — Géographie de l'Economie Nationale de l'URSS em Essais de Géographie, pags. 322-332 — Editions de l'Académie des Sciences de l'URSS. Moscou-Leningrado, 1956.

(2) Chambre, H. — Le Développement du Bassin du Kouznetsk em Cahiers de l'Institut de Science Economique Appliquée n.º 100 — pag. 28, Paris, 1960.

(3) Perroux, F. — L'Economie du XXème Siècle, pag. 143 e La Coexistência Pacífica, pag. 269 — Fundo de Cultura Económica. México-Buenos Aires, 1960.

dos espontaneamente e a constatação da possibilidade de criação de polos através da atuação das agências de desenvolvimento provocam um grande interesse pela teoria elaborada pelo Prof. Perroux e por sua aplicação. Daí a grande literatura de divulgação teórica e de análise e programação de planos objetivos que a aceita, que a complementa ou que a combate.

2 — Conceitos de polos de crescimento e de polos de desenvolvimento — a posição de Perroux.

Para o Prof. Perroux, o polo de crescimento surge devido ao aparecimento de uma indústria motriz, considerando como tal aquela indústria que, antes das demais, realiza a separação dos fatores da produção, provoca a concentração de capitais sob um mesmo poder e decompõe técnica-mente as tarefas e a mecanização. Em consequência a indústria motriz tem, durante certos períodos, um crescimento do seu próprio produto mais elevado que o crescimento médio do produto industrial e do produto nacional. Este crescimento acelerado, porém, não é permanente, mas se faz sentir por um certo período após o qual sofre um decréscimo relativo (4). Assim, se observa que os efeitos motrizes da indústria não são permanentes e que, em consequência, uma indústria que hoje provoca o aparecimento de um polo, se ela não se renova, não dá margem ao surgimento de uma série de outras indústrias que mantenham a dinamização por ela desencadeada, fará com que o polo desapareça gradativamente, que a sua função polarizadora vá sendo absorvida por outros centros, por outros polos.

Em geral a indústria motriz em sua ação de obtenção de matérias primas, de ponto de atração para a mão de obra e de produtora de um ou de uma série de produtos dinamiza a vida regional provocando a atração de outras indústrias, criando aglomeração de população que estimulará o desenvolvimento das atividades agrícolas e pecuárias nas áreas fornecedoras de alimentos e de matérias primas e desenvolve a formação de atividades terciárias proporcionais às necessidades da população que a cerca, que se instala em sua área de influência. Daí surgir muitas vezes aquilo que

(4) Perroux, F. — Obra citada, pag. 144.

Perroux (5) chama de complexo industrial e que se caracteriza pela presença de uma indústria-chave, pelo regime não concorrencial entre as várias indústrias existentes e pela aglomeração territorial. Dentre as várias indústrias do complexo, é considerada como indústria-chave, aquela que provoca no conjunto geral um crescimento das vendas de outros produtos superior ao próprio crescimento de suas vendas. Assim, as indústrias-chaves são quase sempre aquelas que produzem matérias primas, energia, transportes, etc.. Por isto afirma o ilustre economista francês que “em toda estrutura de uma economia articulada, existem indústrias que constituem os pontos privilegiados de aplicação das forças ou do dinamismo do crescimento. Quando estas forças provocam um aumento das vendas da indústria-chave, provocam também uma expansão e um crescimento ponderável do conjunto como um todo” (6).

Em resumo, podemos dizer que para Perroux o polo é o centro econômico dinâmico de uma região, de um país ou de um continente, e que o seu crescimento se faz sentir sobre a região que o cerca de vez que ele cria fluxos da região para o centro e refluxos do centro para a região. O desenvolvimento regional estará, assim, sempre ligado ao do seu polo.

Sabendo-se que F. Perroux distingue o significado dos termos crescimento e desenvolvimento, compreendemos que para ele o polo de crescimento não se identifica com o de desenvolvimento. Assim, para ele, o desenvolvimento “é a combinação de mudanças sociais e mentais de uma população que a tornam apta a fazer crescer, cumulativamente e de forma durável seu produto real, global” (7). Para que um país sub-desenvolvido atinja o estágio dos países desenvolvidos é necessário que sua população esteja convicta da necessidade de modificar as suas estruturas econômicas. O crescimento, porém, existe apenas quando há um aumento do produto global e, conseqüentemente, da renda “per capita”. Assim, podemos falar em crescimento e não em desenvolvimento quando vemos países como o Kowiet, e a Venezuela atingirem as elevadas rendas “per capita” de US\$ 3.300 e US\$ 728, respectivamente. Pode ainda ocorrer o fato de

(5) L'Economie du XXème Siècle, pag. 149

(6) L'Economie du XXème Siècle, pag. 150

(7) L'Economie du XXème Siècle, pag. 155

um polo surgido em uma determinada região — muito frequentemente sub-desenvolvida — se desenvolver a custo da região sem lhe devolver em recursos as riquezas que dela retira. Daí falar Yves Lacoste na existência de “polos de desenvolvimento” ao lado dos “polos de sub-desenvolvimento” (8). Casos há, até, de polos que tiveram no passado função dinâmica e que, estacionado o seu dinamismo, passaram a sugar a sua região. Isto ocorre frequentemente em certas cidades onde a “sobrevivência de uma atividade predominantemente mercantil, comandada por mercados extra-regionais e mesmo extra-nacionais, resulta em estruturas econômico-sociais arcaicas, estagnadas ou retardadas, características atuais do sub-desenvolvimento. A cidade “drena” o espaço agrário, muito mais do que o “irriga”. Ao mesmo tempo em que concentra os produtos da região, concentrando a atividade mais lucrativa que é a atividade comercial, ela suga a riqueza regional em prejuízo do capital camponês” (9). Neste caso, ao invés da região progredir com a cidade canalizando para ela os seus recursos e recebendo de volta recursos que a recompensam, passa a dar muito e a receber pouco. Passa a ser sugada sem compensação e em conseqüência a região definha em benefício do velho centro urbano.

Creemos que os polos espontâneos, surgidos sem obedecer a uma planificação, podem ser chamados de crescimento quando eles provocam o crescimento do produto e da renda “per capita” sem acarretar transformações sensíveis às estruturas regionais e se devem chamar de desenvolvimento, quando ao lado do crescimento do produto provocam também modificações de estruturas que favorecem à população da região para ele polarizada. Assim, o polo de desenvolvimento é, às vezes, espontâneo, mas quase sempre é planejado pelo homem. Podem os planejadores sociais, desde que disponham de condições favoráveis, tanto utilizar um polo espontâneo ampliando e orientando o crescimento de sua função polarizadora, como também podem, através da implantação de uma infra-estrutura, criar polos em lugares onde eles não existiam. É o caso ocorrido na União Soviética, e anteriormente mencionado, de instalação em áreas ricas em minério de ferro como os Urais, ou em carvão como

(8) Perspectives de la Géographie Active em Pays Sous-Developpé, em La Géographie Active, pag. 118.

a bacia do Kouznetsk, dos grandes centros industriais de Magnitogorsk e de Kouznetsk.

Embora Perroux tenha desenvolvido a sua teoria de polarização em função da indústria, o que é uma decorrência do fato de ser a economia moderna comandada pela atividade industrial e do fato de viver e de realizar os seus estudos em um país industrializado — a França — utilizando sempre como exemplo indústrias pesadas — a metalurgia, a siderurgia, as indústrias ferroviária e automobilística — (9) êle admite também estender a função motriz a atividades primárias. Neste caso cita como exemplos o caso da exploração petrolífera na Venezuela, da exploração do cobre em Catanga, no Congo, da produção agrícola de bananas na América Central e da produção de chá na Índia (10). É o caso, aliás, da produção de café no Brasil Sudeste, como demonstraremos no Capítulo VI.

Como o polo é sempre um ponto ou uma área que exerce influência sobre uma região, admite Perroux que esta influência tem de ser canalizada por estradas, por caminhos que liguem a área polarizada ao polo. Daí admitir a grande influência que tiveram na integração do território francês em torno de Paris — de 1830 a 1870 e depois, de 1892 a 1914 — e o território norte-americano em torno das grandes cidades do Nordeste dos Estados Unidos — dos meados do século XIX até 1908 — a expansão das ferrovias, permitindo o crescimento dos polos principais pela expansão de sua área de influência, pela formação de “nós de tráfego” e de “zonas de desenvolvimento” (11).

Idêntico fato se observaria no Brasil, após 1950, com a abertura das grandes rodovias que ligaram regiões que viveram quatro séculos separadas umas das outras, ligadas apenas pelos transportes fluviais e marítimos. E esta integração nacional iria favorecer, sobretudo, o mais punjante polo existente no país e representado por São Paulo que graças ao sistema rodoviário firmou-se como o grande polo nacional.

A existência de vários polos, ligados uns aos outros, por

(9) La Coexistencia Pacífica, pag. 240

(10) La Coexistencia Pacífica, pag. 228

(11) La Coexistencia Pacífica, pag. 243-4

estradas e ocupando todos uma área dinâmica, tem repercussão sobre todas as atividades econômicas regionais e forma aquilo que chamam de zonas de desenvolvimento. Estas zonas, quando se destacam do todo nacional pelo seu dinamismo, pelo crescimento de sua renda e pela influência que adquirem sobre as demais, podem ser consideradas, em escala nacional, como um polo, daí se falar em polos agrícolas, em polos turísticos, em polos complexos, etc. Há autores, porém, como Kayser (12) que fazem uma distinção rígida entre zonas de desenvolvimento e polo, só admitindo a existência do segundo quando se refere a uma cidade. Não existiriam, assim, polos agrícolas mas zonas de desenvolvimento agrícola. O polo seria sempre industrial ou comercial.

A primeira vista pode parecer inadmissível que se fale em polos turísticos, de vez que é estranho possa o turismo funcionar como atividade motriz. Sabemos entretanto que certas regiões do Velho Mundo, sobretudo na bacia do Mediterrâneo, vêm tendo grande crescimento econômico graças ao turismo. É o que ocorre, por exemplo, na Itália Central, onde se localizam cidades como Roma, Florença, Pisa, Lucca e Siena, que atraem todos os anos milhões de turistas da Europa Ocidental e Central, assim como das Américas, obtendo com esta atividade grandes rendas. Rendas que são auferidas tanto através dos transportes e da indústria hoteleira as primeiras a se desenvolverem nesta área como também do desenvolvimento do artesanato feito em função da venda de “souvenirs” aos turistas. O movimento turístico provoca naturalmente uma hipertrofia dos serviços, através da ampliação do comércio e de certas atividades, como formação de guias que acompanham aos turistas em suas excursões, da atividade de fotógrafos, de pintores, etc. E a importância do turismo como modificador das paisagens e como acelerador da vida econômica é tal que já se consagra em França a existência de uma Geografia do Turismo (13). A Itália que vem apresentando o crescimento anual da ordem de 7%, superior portanto ao da França e da Alemanha, tem no turismo, segundo Pierre George (14), uma renda

(12) La région comme objet d'étude de la Géographie em La Géographie Active, pag. 307.

(13) Ginier, J. — Géographie Touristique de la France. Étude Générale et régionale. SEDES. Paris, 1965.

(14) Géographie de l'Italie, pags. 121-2 — Presses Universitaires de France, Paris, 1964.

“espetacular” favorecida que está por “suas belezas naturais e por sua herança arqueológica. Sete a oito milhões de visitantes dentre os quais mais de metade são alemães e americanos, um sétimo franceses, trazem à Itália uma notável contribuição de divisas que são repartidas entre os transportadores, os hoteleiros e o comércio em geral”. A importância das divisas trazidas pelo turismo é tal que a Cassa per il Mezzogiorno “financia diretamente o equipamento de estações turísticas como Capri, Sorrento, Amalfi, Taormina, Siracusa”. Emprega capitais na restauração de sítios arqueológicos, e até, aliada à companhia petrolífera italiana — a ENI — financia a construção de hotéis na região que se esforça por desenvolver (15). Fatos semelhantes ocorrem também na Espanha e na Grécia. A atração de turistas de outras regiões para estes países tem causas complexas dentre as quais salientamos: a posição geográfica em áreas de clima sub-tropical onde há intensa insolação; o relevo acidentado nas proximidades do mar Mediterrâneo provocando a formação de belas paisagens; a existência de uma velha civilização e, em consequência, a riqueza em ruínas e em obras de arte; o baixo valor de sua moeda fazendo que uma viagem à Espanha, à Itália ou à Grécia se torne muito menos onerosa que uma viagem à França, à Inglaterra, à Bélgica ou à Alemanha. Apesar de possuir moeda forte, a França, por dispor em sua porção meridional das demais condições apontadas e por dispor também de um equipamento turístico bem montado, tem uma importante zona de desenvolvimento turístico na costa mediterrânea, na Côte d’Azur. Zona esta que com sua especialização turística é levada em conta em sua política de “aménagement du territoire” (16).

Baseado nas idéias do Prof. Perroux, e nos ensinamentos do seu discípulo J. R. Boudeville (17), nós podemos, quanto à escala, admitir a existência de três tipos de polos: o polo-nação, o polo-região e o polo-cidade. O primeiro tipo de polo está ligado à teoria da economia dominante. Segundo o Prof. F. Perroux, os fatos econômicos não se enquadram bem no espaço político do Estado em que se situa, po-

(15) Gay, F. e Wagret, P. — L’Economie de l’Italie, pag. 118. Presses Universitaires de France, Paris, 1962.

(16) Guichard, Olivier — Aménager la France, pag. 163-176. Laffont-Gauthier, Paris, 1965.

(17) L’Economie Regionale Espace Opérationnel. Cahiers de INSEA, Série L, n.º 3. Paris, 1958.

dendo comprimir-se ou extravasar a fronteira do mesmo. Daí admitir uma importância apenas relativa às fronteiras que separam os vários países, e classificar os mesmos conforme a punjança de sua economia em dois grupos: os países focos e os países satélites. Caracterizam-se os países focos pela importância dominante de sua economia, sempre super-industrializada e os países satélites pela dependência econômica em que se encontram, realizando a maior percentagem de seu comércio com o país-foco de que dependem. Para êle o mundo está dividido em duas porções, a porção socialista e a porção capitalista. No primeiro, o país foco é a União Soviética e no segundo são os Estados Unidos, de forma mais saliente, seguidos pela Grã-Bretanha e pela Europa dos Seis — República Federal Alemã, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, França e Itália. Esta Europa dos Seis, unida no Mercado Comum Europeu pelo Tratado de Roma, é em sua opinião, um país em formação, devido à atração exercida sobre os seis países pelo polo do Ruhr. A área de influência de um país foco não está apenas na dependência da distância, mas também dos tentáculos que o país-foco lança pelo mundo através da ação de suas grandes companhias, o emprêgo de seus capitais (18). Assim, a Grã-Bretanha, no período áureo do Império Britânico, estendeu a sua influência por quase toda a superfície do globo, possuindo colônias e áreas de influência econômica em todos os continentes. A proporção que o poder polarizador de sua economia foi diminuindo, foi definhando frente ao crescimento punjante dos Estados Unidos, foi se restringindo a área para ela polarizada, perdendo terreno para o seu concorrente tornando-se em outras áreas, um polo satélite dos Estados Unidos. Por sua vez os Estados Unidos não só substituíram a influência inglesa na América Latina e no Canadá, apesar deste país continuar a participar da Commonwealth of Nations, como também estendeu os seus tentáculos a áreas geograficamente mais distantes, como o Oriente Médio — interesses em Israel, Arábia Saudita e Irã — a África — Libéria através da plantação de borracha e Congo — e ao Extremo Oriente — Filipinas. Na própria Europa industrializada exercem os Estados Unidos notável polarização graças à infiltração de suas grandes companhias na Alemanha Federal, na Inglaterra e, em menor escala na própria França.

(18) La Coexistencia Pacifica, pags. 171 a 184.

Em escala continental não podemos esquecer a existência de regiões polos. O caso mais estudado, mais referido é o do Ruhr, na República Federal Alemã. Esta região, onde se localiza a maior concentração industrial do mundo, exerce uma grande influência tanto sobre a economia alemã, como na dos países vizinhos. Para se calcular a sua importância é suficiente que se diga que se as indústrias do Ruhr parassem haveria uma paralisação total da vida econômica e militar da Alemanha Ocidental, ao mesmo tempo em que se refletiria também sobre a Holanda, onde o seu maior porto, que é aliás o maior porto do mundo — Roterdã — ficaria, com seu movimento reduzido a apenas um quarto do movimento normal. Isto porque, ficando na foz do Reno, rio de que o Ruhr é tributário, 75% das mercadorias que dêle partem ou que a êle chegam, partem do Ruhr ou se destinam ao Ruhr. Grandes prejuízos também teria à Suécia, de vez que 90% do minério de ferro sueco, seu principal produto de exportação, se destinam às indústrias do Ruhr e que êstes representam apenas 45% do aprovisionamento desta região industrial. Ainda a França ficaria em situação difícil de vez que a sua indústria siderúrgica está em maior dependência do "coke" do Ruhr que a indústria siderúrgica alemã do seu minério de ferro. Prejuízos consideráveis ainda atingiriam a Bélgica e a Itália, (19) para não falar nos prejuízos indiretos ou de menor monta que atingiriam os vários países que mantêm relações comerciais com a República Federal Alemã.

Acreditamos que, embora sem a importância do Ruhr, a região Sudeste do Brasil e, mais intensamente, São Paulo é, em escala latino-americana, um autêntico polo regional, de vez que exerce uma grande influência sobre todo o território brasileiro e penetra nos países vizinhos, por áreas do Paraguai e da Bolívia, sobretudo. Quanto a sua importância frente ao Brasil convém salientar que aí se encontram "95% da mão-de-obra empregada na indústria de material elétrico e de material de comunicações; 95% da mão-de-obra de construção e montagens de material de transportes; 88% da mão-de-obra das indústrias mecânicas; 85% da indústria metalúrgica; 82% da química e farmacêutica". Aí são produzidos 80,1% da energia elétrica gerada no Brasil, 75% do

(19) Boudeville, J. R. — *Économie Régionale Espace Opérationnel*, pag. 17.

cimento e 100% dos pneumáticos, câmara de ar e alumínio do país (20).

O terceiro tipo de polo é aquele encarado em escala regional e é sempre apresentado por uma cidade. Trata-se, no caso, de um autêntico polo como quer Kayser. Neste caso varia consideravelmente a importância das cidades e a extensão da área para elas polarizada. Como exemplo de cidades com grande poder polarizador podemos destacar na Europa, a Capital da França que não permitiu o aparecimento no país de nenhum centro que lhe fizesse concorrência. Daí haver J. F. Gravier intitulado um dos seus livros, com um certo exagero, de "Paris e o deserto francês" e haver o geógrafo francês Michel Rochefort (21) chamado atenção dos estudiosos para o contraste existente entre a França, país que se unificou politicamente faz séculos e que tem uma administração centralizada em sua Capital, se organizado em torno de um macro-polo, enquanto a Alemanha que só se unificou na segunda metade do século XIX e que se organizou politicamente sob a forma federativa, ter sua organização espacial distribuída em torno de uma série de polos de importância quase equivalentes como Hamburgo, Colônia, Francfort e Munich, ao lado de Berlim.

De qualquer forma temos de reconhecer ser o espaço um verdadeiro mosaico, dividido em torno de regiões polarizadas e que estas não são estáticas, permanentes. Elas têm fronteiras que ora se expandem e ora se contraem em função da maior ou menor força polarizadora do seu núcleo. Também sendo as regiões o resultado da ação dos homens, podem pelos mesmos ser feitas e desfeitas. Podem se unir várias regiões para formar uma só região, ou uma região pode ser absorvida por outra mais dinâmica ou se subdividir em várias. Tudo depende do desenvolvimento ou do atrofiamiento do seu polo.

Ligado ao conceito de polo e de região polarizada, existem outros conceitos, como o de eixo de desenvolvimento, dos nós de tráfego, das zonas de desenvolvimento e dos pontos de desenvolvimento.

(20) Geiger, Pedro e outros — *Estudos para a Geografia da Indústria no Brasil Sudeste*, Revista Brasileira de Geografia, Ano XXV, n.º 2, Rio de Janeiro, 1963.

(21) *A Concepção Geográfica da Polarização Regional*, pag. 5.

Para o Prof. F. Perroux o polo de desenvolvimento não existe como uma unidade isolada, mas está ligado à sua região pelos canais por onde se propagam os preços, os fluxos e as antecipações. Ocorre, porém, que para ele a noção de polo de desenvolvimento "só tem valor no momento em que se torna um instrumento de análise rigorosa e a ferramenta de uma política" (22). Daí dizer que o polo de desenvolvimento se distingue do polo de crescimento por ser um polo desejado. Ainda acha o mestre francês que o desenvolvimento de um conjunto de territórios e de sua população só é obtido pela propagação consciente dos efeitos dos polos de desenvolvimento. Esta propagação feita por um caminho que liga dois polos dá origem ao que ele chama de eixo de desenvolvimento, salientando porém que o eixo não é apenas uma estrada, um caminho e que além disto, ligado à estrada, deve haver todo um conjunto de atividades complexas que indicam "orientações determinadas e duráveis de desenvolvimento territorial e dependem sobretudo da capacidade de investimento adicional" (23). Assim, os eixos pressupõem a presença de outros bens complementares como energia, crédito e competência técnica. Dêsse modo, ao tentarmos dar exemplos brasileiros não ousaríamos afirmar a existência de um eixo de desenvolvimento entre o Recife e João Pessoa, ou entre o Recife e Maceió apesar de haver entre as três capitais nordestinas excelentes auto-estradas. Ousaríamos, porém, falar em eixo de desenvolvimento. Está certo na rodovia Rio-São Paulo, ou na São Paulo-Santos, apesar de não estarem estas rotas ligando pontos produtores de carvão e de aço, respectivamente como são, em geral, exemplificados os grandes eixos.

Os nós de tráfego surgem nos pontos em que se cruzam dois eixos de desenvolvimento. Aliás a posição favorável ao desenvolvimento de cidades ocorre até onde existe o cruzamento de duas simples estradas, mesmo quando elas não se constituem eixos de desenvolvimento. No caso do Nordeste do Brasil é conhecido o fato de se desenvolverem bastante, sobretudo em seus equipamentos terciários, as cidades que são ponto de cruzamento de duas grandes rodovias. Em Pernambuco, por exemplo, existe um caso típico, o de Salgueiro, localizada no ponto em que a rodovia central de

(22) L'Economie du XXème Siècle, pag. 168 e 169

(23) L'Economie du XXème Siècle, pag. 182 e 266

Pernambuco — que liga o Recife ao Sertão — corta a Transnordestina — que liga Salvador a Fortaleza. Aí se desenvolve uma importante atividade hoteleira, de restaurantes, bares, cafés, e de comércio de combustíveis, de peças e de acessórios de automóveis, etc. que dá a Salgueiro uma importância que ela nunca teve, fazendo crescer consideravelmente a sua população e as suas atividades econômicas.

As zonas de desenvolvimento são o resultado da concentração geográfica das indústrias devido aos efeitos da complementação. Assim, a presença de determinadas indústrias em um local favorável provoca a formação de uma infra-estrutura e atrai outras indústrias que lhes são complementares. A aglomeração de indústrias eleva a renda total e a renda per capita e funciona como um elemento de atração de imigrantes que vêm tanto trabalhar nas indústrias como atender aos que nela trabalham. Daí surgir um desenvolvimento maior da estrutura terciária com um reflexo altamente favorável sobre as atividades agrícolas. Atividades estas que visam ao abastecimento da própria zona. Formam-se dêsse modo, as zonas de desenvolvimento que têm uma grande influência sobre o país em que se situam, de vez que, como salienta Perroux, as nações nada mais são que "polos de desenvolvimento com seus meios de propagação" (24).

Complementando estas noções, não podemos esquecer a de pontos de desenvolvimento, considerados por F. Perroux como o conjunto que engloba os polos, simples ou complexos, as zonas de desenvolvimento e os eixos de desenvolvimento. Polos, zonas e eixos em relação com a área que os cerca (25).

Uma dúvida pode ser levantada, quanto à da dificuldade de se aplicar a Teoria dos Polos de Desenvolvimento às regiões e aos países sub-desenvolvidos. Poder-se-ia dizer que a ausência de uma rede urbana e as deficiências de vias de transportes e comunicações dificultariam a formação dos polos, em consequência das dificuldades que criaria aos fluxos regionais. Ora, sabemos que a área de influência de um polo, a região polarizada, está na dependência da intensi-

(24) L'Economie du XXème Siècle, pag. 183

(25) L'Economie du XXème Siècle, pag. 256

dade da ação das forças centrípetas — que fazem convergir para o polo — e das forças centrífugas — que afastam do polo, atenuando o seu poder de atração. Para se formar e expandir a sua região, necessita o polo de acelerar a sua força centrípeta, de atração, a fim de reduzir a ação das forças centrífugas. Em compensação, quando o polo perde a sua dinamicidade, a força centrífuga passa a deslocar para os polos vizinhos, seus concorrentes, as áreas marginais, aquelas em que sua influência se faz sentir com menor intensidade. Assim, o polo terá a sua região mais ou menos extensa, conforme a quantidade e a qualidade dos equipamentos industriais e de serviços que possuir e a estrutura de transportes e comunicações que dispuser.

Ora, sabemos que os países sub-desenvolvidos se encontram em geral sob a influência econômica de países industrializados, tendo estado, a maior parte deles, até pouco tempo sob a sua dominação também política. São, para usar a terminologia de F. Perroux, países satélites ou de economia dominada a gravitar em torno dos países focos, ou de economia dominante. É claro também que ao instalar a sua dominação sob os países sub-desenvolvidos trataram os países industrializados de mobilizar os recursos nos mesmos existentes em função do seu suprimento em matérias primas e em alimentos que não poderiam ser produzidos no seu território. Daí criarem em certos pontos áreas mais dinâmicas que se tornam polos, graças à construção, pela economia dominante, de uma infra-estrutura mínima indispensável a esta exploração econômica. Foi assim que se criaram, em função dos interesses dos países industriais, áreas produtoras de borracha na Malásia, de juta na Índia, de cacau na Costa do Marfim e em Ghana, de amendoim no Senegal, de madeira no Gabão, etc. A criação destas áreas permitiu o aparecimento ou o desenvolvimento de portos como Singapura, Calcutá, Abdijan, Acra, Dakar, Libreville, etc. e a construção, a partir destes portos, de estradas que demandam ao interior, sobretudo se não dispõem para a penetração de rios navegáveis. Abrem-se novas oportunidades de trabalho, atraindo migrantes do interior, nativos, e também do exterior, a fim de exercerem as atividades diretoras. A concentração da população nas cidades e na área de produção vai, apesar dos baixos salários, criar um mercado consumidor, provocando o desenvolvimento dos transportes, do comércio e dos serviços. Em face a esta constatação objetiva, cremos não se poder negar a existência de

polos de crescimento e a possibilidade de criação de polos de desenvolvimento nos países sub-desenvolvidos. Dizemos, polos de crescimento e não de desenvolvimento, porque sempre esta dinamização econômica, com o crescimento da renda provoca transformações de estrutura mas estas, muitas vezes, não melhoram as condições de vida da população. Assim, na África, a monetarização da economia provoca a desorganização da vida tribal e da economia de subsistência, trazendo, como consequências, a emigração sazonal dos trabalhadores, desorganizando a vida familiar (26), e o êxodo rural, sem que as cidades disponham de emprego para oferecer condições de vida decente aos que nela se fixam. Isto acarreta quase sempre a queda da produção dos cereais e tubérculos usados pelos nacionais em sua alimentação — sôrgo, milho, mandioca, inhame — em benefício de culturas de exportação, culturas comerciais como o amendoim, o café, o cacau, o dendê, etc. Este fato provoca finalmente uma queda das disponibilidades alimentares e do consumo de calorías per capita. Necessário, porém, é de se considerar que este desequilíbrio provocado em uma sociedade estática, parada, em uma época em que não há possibilidades de isolamento, em um planeta que é cada dia menor devido à difusão e ao aperfeiçoamento dos transportes e ao crescimento vertiginoso da população, pode gerar, se houver uma política realmente desenvolvimentista após a independência, estruturas mais sãs e mais condizentes com as necessidades do mundo moderno. Isto porque, por mais dolorosa e arbitrária que tenha sido a dominação estrangeira, ela não pôde impedir a abertura dos espíritos mais capazes para horizontes mais largos, mais amplos, para a compreensão dos problemas do mundo moderno, tornando possível a elaboração de idéias novas e a adaptação das idéias elaboradas no mundo desenvolvido ao mundo tropical e sub-desenvolvido. Ela possibilitou a formação de quadros nacionais com matizes políticos os mais diversificados — como Kwame Nkrumah que por muitos anos governou a República de Ghana, e Sékou Touré em Guiné, ao lado de Léopold Sedar Senghor no Senegal e de Houphouët-Boigny na Costa do Marfim — que iriam aos poucos elevando os seus países dos níveis de dominação colonial aos de relativa independência

(26) Dumont, René — *Terres Vivantes*, Librairie Plon, Paris, 1961 e *L'Afrique Noire est Mal Partie*, Éditions du Seuil, Paris, 1962 e Woodis, Jack. *África. Raízes da Revolta*, pags. 98-128. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1961.

política. Ela certamente permitirá a elevação da produtividade agrícola e pecuária e a industrialização naqueles países que dispuserem de condições para o desenvolvimento. Um dos grandes problemas dos países sub-desenvolvidos, é o da integração nacional, o da interligação por meio de rodovias, de ferrovias, de rios e canais navegáveis dos seus polos, de suas regiões polarizadas em torno do mais dinâmico dos seus polos, do polo nacional. E isto está por se fazer na maioria dos países sub-desenvolvidos. Mesmo no Brasil, país que já possui uma indústria ponderável e que conquistou a independência política há mais de um século, só após 1950 com a construção de grandes rodovias que ligaram as suas várias regiões ao Sudeste, pôde deixar de ser um conjunto de "ilhas culturais e econômicas" dispersas para se tornar um "continente" a gravitar economicamente em torno de um polo — São Paulo. Assim, pensamos que uma nação só adquire uma forte personalidade, só se integra, quando se torna uma constelação de polos de terceiro, quarto e quinto grau, gravitando em torno do seu polo principal, ou, se ela é uma federação ou confederação, em torno de dois ou três grandes polos que se intercomunicam e se completam.

3 — A hierarquia dos polos

Sabemos que o espaço econômico de um país não está contido em seu espaço geográfico, podendo tanto se restringir a apenas uma parcela deste espaço, como também extravasar do mesmo ocupando espaços geográficos contidos dentro das fronteiras de outros países. Assim, existem centros, núcleos urbanos cuja influência econômica se expande através de certos setores econômicos por toda a superfície da terra, ou por grande parte da mesma. Seriam as metrópoles econômicas de Jean Chardonnet (27), dentre as quais podemos salientar New York, Londres, Amsterdã, Franckfort, Paris, etc. no mundo capitalista e Moscou, Praga, Pequim e Changai no mundo socialista. O mercado de Londres, por exemplo controla através de sua Bolsa, o comércio de certos produtos como o estanho e o chá, enquanto o de New York controla o preço do café, do cacau e de uma série de outros produtos agrícolas e minerais (28). Nestas cidades se

(27) *Métropoles Economiques* — Librairie Armand Colin, 1959.

(28) Perpillon, A. — *Le Commerce International des Produits Agricoles*, pag. 27 e segs. Centre de Documentation Universitaire, Paris, 1962.

situam, em geral, grandes casas bancárias com filiais distribuídas por quase toda a superfície da terra, têm sede certas empresas que controlam no todo ou em parte a produção de determinadas mercadorias básicas, as bolsas que controlam os preços de mercadorias oriundas dos mais diversos países, tornando-se dêsse modo grandes centros de decisões muitas vezes mais importantes que as capitais dos seus próprios países.

Em segundo grau, temos os polos nacionais que sendo ou não sede de governo, exercem uma grande influência econômica no país em que se situam, às vezes, até extravasando esta influência para os países vizinhos de menor expressão política ou econômica. Entre os polos econômicos nacionais que são capitais podemos citar México, na república Mexicana, Lima no Peru, Santiago no Chile, Lisboa em Portugal, Acra em Ghana, Buenos Aires na Argentina etc., enquanto em outros países a polarização se faz em torno de cidades que não são sedes do governo nacional, como ocorre no Brasil com São Paulo, na Espanha com Barcelona, na Austrália com Sydney e no Canadá com Montreal.

Nos países de grande extensão territorial, divididos em Estados ou Províncias mais ou menos autônomas, existem em geral polos de terceiro grau que têm sua área de influência estendida por várias de suas divisões políticas. No caso brasileiro, por exemplo, o grupo de técnicos do EPEA-CNG admite como hipótese de trabalho que tenha função polarizadora macroregional pelo menos nove polos macroregionais, que são Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre (29). Na França, ao tentarem barrar a hipertrofia de Paris, sobre o espaço francês selecionaram oito metrópoles de equilíbrio — Lyon, Marseille, Bordeaux, Lille, Toulouse, Strasbourg, Nantes e Nancy — que deverão exercer influência sobre várias regiões francesas. Convém lembrar que há uma diferença de dimensões muito grande quando falamos em macroregiões francesas e brasileiras. Cada um destes polos macroregionais franceses que continuarão a gravitar em torno de Paris, tem por sua vez gravitando em torno de si polos de grau inferior que estendem sua área de influência por

(29) *Estudos básicos para a Definição de Polos de Desenvolvimento*, do Brasil, pag. 7.

vários departamentos. Assim, Mulhouse está satelitizada por Strasbourg, Metz por Nancy, Grenoble e Saint Etienne por Lyon, etc. formando uma rede de interdependências que pode ser cartografada como uma verdadeira teia de aranha (30).

Abaixo dos polos macroregionais e recebendo ao mesmo tempo influência destes e diretamente do polo nacional, encontramos os polos regionais com áreas polarizadas estendidas por dezenas de milhares de quilômetros, como deve ocorrer com Santarém, com Campina Grande, com Caruaru, com Feira de Santana, com Juiz de Fora, com Uberlândia, com Uberaba, com Campo Grande, com Santa Maria e com várias outras cidades brasileiras. Estes polos regionais teriam em torno de si uma constelação de polos sub-regionais e finalmente em torno destes haveriam os polos locais.

Observa-se, assim, a existência de uma hierarquia entre os polos — internacionais, nacionais, macroregionais, regionais, sub-regionais e locais — com classificação em seis grupos conforme a extensão da área para ele polarizada e a importância do seu enquadramento secundário e terciário. Esta hierarquia demonstra que os polos não são unidades isoladas, dominando posições bem delimitadas no espaço, ao contrário, como ocorre no universo com os astros, os polos se organizam girando uns em torno dos outros, atraindo e sendo atraídos. Cada um tem em torno de si uma área de influência cujos limites estão ligados ao traçado das vias de transportes e de comunicações, exercendo maior força de atração nas áreas que lhes são próximas do que nas mais afastadas. Também cada polo de maior categoria exerce influência na região polarizada tanto diretamente sobre suas várias partes, como indiretamente através dos seus polos satélites.

Ao lado desta classificação hierárquica de polos não podemos deixar de comentar a classificação dos centros de enquadramento terciário, ou centros de polarização feita pelo lúcido geógrafo Michel Rochefort, para quem “Existe uma ligação de certo modo permanente entre a potência dos serviços de enquadramento terciário de uma cidade e a im-

(30) Rochefort, M. L'Armature Urbaine et le Réseau Urbain. Notions et Problèmes Méthodologiques d'Analyse, pag. 40-1.

portância industrial da mesma. Essa vinculação é dinâmica em dois sentidos: a expansão da indústria provoca a multiplicação dos serviços e a presença de serviços numerosos e variados atrai novas indústrias. Na pesquisa dos tipos de centros nós insistimos sobre o conteúdo de sua função de enquadramento terciário, mas ficará subentendido que esses serviços estão com frequência relacionados com a natureza da função industrial” (31).

Baseado neste conceito, Rochefort divide os centros de enquadramento terciário em cinco tipos, levando em conta a importância e a área de influência dos mesmos. De acordo com esta classificação são os seguintes os tipos de centros:

a) — locais — muito numerosos em cada região e dispendo de área de atração confinada às suas imediações por estarem equipados apenas com comércio de gêneros alimentícios, escolas primárias, lojas de ferragens e armarinhos, médicos de clínica geral, farmácia, etc.;

b) — sub-regionais — apresentam um embrião de vida regional estendendo sua área de atração sobre vários centros locais por estarem dotados de serviços de uso menos corrente como médicos especializados e escolas secundárias;

c) — de pequena região — que constituem “o arcabouço de base da vida de relações” por estarem dotados de serviços bem diversificados, como comércio variado, equipamento bancário, consultores, equipamento cultural e artístico, etc.;

d) — de grande região — que além dos serviços existentes nos centros procedentes possuem Universidade, grande hospital dispendo de todas as especialidades, teatro, consultorias, comércio de alto luxo, etc.;

e) — nacionais — que abrangem funções de direção com influência em todo o país, como a direção da administração dos serviços públicos, direção dos bancos de atuação nacional, etc.

Observa-se que o Prof. M. Rochefort preocupou-se mais

(31) A Concepção Geográfica da Polarização Regional, pag. 3.

em sua classificação com a existência dos equipamentos que com a importância e extensão dos fluxos, o que não prejudica muito, de vez que os equipamentos e os fluxos estão tão interligados que ficam, em consequência, inteiramente interdependentes. Classificação elaborada em função do espaço francês necessita certas adaptações se a quisermos aplicar ao espaço brasileiro. Assim, no caso brasileiro, os centros locais, em geral já possuem escolas secundárias, como podemos constatar visitando as menores e mais estáticas aglomerações do interior do país. Rara é a cidade — e ao falarmos em cidade lembramos que no Brasil domina o critério administrativo que considera como cidade toda sede de município — com 1.500 ou 2.000 habitantes em sua sede que não possua o seu ginásio, de vez que nos últimos vinte anos o ensino secundário vem se difundindo, vem se generalizando no país.

VI

AS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DA TEORIA DOS POLOS DE DESENVOLVIMENTO AO ESPAÇO BRASILEIRO. OS POLOS BRASILEIROS NO ESPAÇO E NO TEMPO

1 — *Caráter dinâmico do problema*

A descoberta e a conquista do território brasileiro foi, apenas, um capítulo da epopéia dos grandes descobrimentos marítimos realizados pelos portugueses que procuravam o mercado indiano, produtor de especiarias. Trata-se, inegavelmente, de um episódio da expansão do capitalismo comercial ocorrida a partir do século XV, feita inicialmente pelos portugueses e espanhóis e continuada, após a decadência desses povos, por franceses, ingleses e holandeses. Com os grandes descobrimentos os europeus libertaram-se do trajeto mediterrâneo, complementado por viagens por terra, substituindo-o pelo atlântico e se livraram de uma série de intermediários, como os árabes, os venezianos e os florentinos; deslocaram os centros mais dinâmicos da civilização da Europa Mediterrânea, do Sul, para a Europa Ocidental, atlântica.

A economia brasileira que se organizou como uma economia colonial, fornecedora de matérias primas e dos produtos alimentares de que não dispunha o mercado europeu, formou aquilo que Perroux chama de economia dominada, que se vai estruturando e se modificando a fim de atender às economias dominantes. Por isso é que a história econômica do Brasil é constituída de uma série de ciclos que se sucederam ao sabor das necessidades do mercado externo: ciclo do pau-brasil, ciclo da cana-de-açúcar, ciclo do couro, ciclo do ouro, ciclo do algodão, ciclo do café, ciclo da borracha e ciclo da industrialização. Alguns, como o da cana-de-açúcar, do ouro, do café e o da industrialização, pela sua importância e por suas influências sobre o todo na-